

Aspersores

Que eu tenha o meu próprio aspersor de rega, parece-me ainda inacreditável, é apenas uma das muitas coisas que arranjei quando comprámos casa aqui, à semelhança do cortador de relva, das tesouras de poda, dos ancinhos e de todos os outros utensílios de jardinagem. Apesar de inúmeras vezes ter aberto a torneira na parede da casa de verão, ouvido a água primeiro a rumorejar, em seguida a zunir e, depois, observado os finos jatos de água erguerem-se no jardim, talvez uns cinco metros no ar, frequentemente brilhando à luz do Sol, para lentamente descaírem para um lado e logo após se erguerem e descaírem para o outro lado, num movimento que sempre pensei que se parecia com o acenar de uma mão, nunca vinculei isto a mim ou às minhas coisas, como se aquilo que representa não me representasse a mim, ou, por outras palavras, que a vida que vivo aqui, na realidade não é minha, mas algo em que por acaso me encontro precisamente agora. Tirar uma tão grande conclusão de uma coisa tão pequena como um arco de metal cheio de furos pelos quais a água jorra, parece talvez demasiado forçado, mas, de todas as coisas que recordo dos verões de quando era jovem, é o aspersor a mais emblemática, o objeto isolado sob o qual se concentram mais emoções e acontecimentos na memória, e que desperta mais associações. Todas as casas do bairro possuíam um aspersor de rega, e todos eram do mesmo tipo, de modo que o arco cintilante dos finos jatos de água se via por todo o lado nos dias em que

o sol brilhava no verão. Muitas vezes os relvados em que estavam não tinham ninguém, como se vivessem a sua vida independentemente, como se fossem uma espécie de grandes e amigáveis criaturas baseadas na água. Quando a água caía na relva, o som era quase inaudível, um leve e curto borrito, que podia ser sobreposto pelo ruído da mangueira ou da torneira, se não estivesse totalmente aberta, enquanto o som podia subir até farfalhar ou até crepitar se o aspersor estivesse regulado de tal maneira que a água atingisse as folhas dos arbustos ou das árvores. Estes sons, que aumentavam ou diminuía metódica e pacientemente como um trabalho rigoroso, e que contribuía para a sensação de que o arco de água era uma criatura independente, podiam durar todo o dia até à noite, indiferentes às atividades dos moradores, e por vezes ao longo da noite, apesar de ser raro, por qualquer razão era considerado inapropriado regar à noite. Na minha casa, era o meu pai que se encarregava do aspersor, não me lembro de ver a minha mãe a mudá-lo de sítio ou a abrir e fechar a torneira, sem que saiba porquê. A torneira estava na lavandaria na cave, e a mangueira saía para o jardim pela estreita janela retangular da cave, que de dentro era bem alta, mesmo por baixo do teto, enquanto de fora era bem baixa, um pouco acima do chão. Que a janela não se pudesse fechar enquanto o pai regasse, dava origem a uma sensação levemente dolorosa em mim, enquanto as diferentes alturas da janela de dentro e de fora, por seu lado, pareciam mágicas e atraentes. O arco da água em todos os seus aspetos, visuais e auditivos, e o bem que fazia ao jardim, representava algo de incondicionalmente bom. Que agora seja eu mesmo senhor de um aspersor e que possa ligá-lo e mudá-lo de lugar no meu próprio jardim, devia, portanto, significar alguma coisa para mim, se não muito, seja como for, um pouco, dado que a vida que nessa altura eu observava — a vida dos homens e mulheres adultos — agora é a minha, já não é uma coisa que observo do exterior, mas preencho do interior. Mas não, não me dá qualquer gozo abrir a torneira do aspersor, nada que me dê mais gozo do que barrar de manteiga uma fatia de pão ou descalçar os sapatos quando entro em casa. Agora é o mundo

das crianças que eu observo do exterior, e que imagem para esta assimetria da vida é melhor do que a da janela da cave, que simultaneamente está muito alta sob o teto e muito baixa no exterior?

Castanhas

Temos um castanheiro no jardim que está no canto entre as duas casas e que se eleva a mais de vinte metros, talvez até vinte e cinco. Os ramos maiores estendem-se por mais de dez metros, e uma das coisas que fiz primeiro, quando nos mudámos para aqui, foi serrar os mais baixos, uma vez que alguns deles bloqueavam o caminho entre as casas, enquanto outros tinham crescido por cima do telhado e repousavam sobre ele. Mas apesar de este castanheiro ser tão grande — à distância é o que se vê da propriedade, não os telhados —, e apesar de ter subido a ele e o ter serrado, nunca, no entanto, reparei nele, nunca pensei nele. Foi sempre como se não existisse. Agora parece inexplicável que tenha vivido paredes-meias com uma coisa tão grande sem a ter visto. Que fenómeno é esse, ver sem ver? Provavelmente trata-se de que aquilo que se vê, não se fixa. Mas o que é que se fixa, quando verdadeiramente vemos? Dizemos que uma coisa tem sentido, como se o sentido fosse uma coisa que recebêssemos como uma dádiva, mas na realidade, penso eu, é o inverso, somos nós que damos um sentido ao que vemos. E o castanheiro, que está aqui e que vejo enquanto escrevo isto, não tem nenhum sentido. Estava aqui, e eu sabia que estava aqui, não sucedeu que chocasse com ele no caminho entre as casas, mas ele não tinha nenhum sentido para mim e, portanto, nenhuma existência real.

O que aconteceu é que durante esta primavera e verão trabalhei com quadros do pintor Edvard Munch. Vi todas as pinturas, vezes

e mais vezes, e familiarizei-me com a maior parte delas. Ele pintou bastantes castanheiros, e houve um quadro em especial que fixei. Representa um castanheiro numa rua de uma cidade e é quase pintado de modo impressionista, no sentido em que todas as superfícies se destacam mais como cores do que como objetos sólidos, são mais para os olhos do que para as mãos, para o momento mais do que para a duração. O castanheiro está em flor, e as flores brancas são pintadas como pequenas estacas no meio de todo o verde, onde brilham como lanternas. Quando olho aqui para o castanheiro do outro lado da janela, não há nada nas flores que se pareça com as flores que Munch pintou — não parecem traços verticais, mas são como pequenos pufes ordenados em quatro ou cinco andares, e não são brancas como giz, antes têm nuances de bege e castanho. Todavia foi o quadro de Munch que fez com que eu, quando a árvore começou a florir no fim de maio, pela primeira vez percebesse que era um castanheiro que tínhamos aqui. Aconteceu o mesmo com as árvores que estão ao longe, na estrada que leva ao centro de Ystad, a que vai ao lado do caminho de ferro no interior do porto, onde imperam os grandes barcos para a Polónia e Bornholm. São castanheiros, pensei eu, quando começaram a florir. E não foi o nome que fez a diferença, não era que eu agora pudesse dizer que eram castanheiros, ao passo que antes não podia — porque podia, eu tinha sempre sabido que espécie de árvores eram —, era outra coisa, a questão é que os castanheiros ocupavam um lugar íntimo na minha consciência. E creio que é desta intimidade que falamos quando falamos de autenticidade. Porque a intimidade anula a distância radical, que é o centro de todas as teorias da alienação do século passado, e que ainda é efetiva nos nossos anseios pelo concreto, que sentimos como mais próximo da realidade. Os polos não são o modernismo e o antimodernismo, o progresso e o retrocesso, isso são apenas consequências do equilíbrio entre intimidade e não intimidade, onde é que se coloca mais peso, e, por sua vez, está também dependente da nossa necessidade e do que queremos da vida. Queremos reparar no castanheiro, queremos vê-lo e deixar que ele ocupe um lugar em nós, queremos sentir a sua presen-